



PRÁTICAS URBANAS INOVADORAS, INSURGENTES, DEMOCRÁTICAS

PAULA, Hori

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; Mestranda; São Paulo, SP; paulahori@gmail.com

RESUMO

Esse artigo propõe discutir o processo participativo dos coletivos urbanos na redefinição dos espaços públicos da cidade de São Paulo. Os coletivos urbanos e suas formas de atuação são abordados a partir de uma breve contextualização dos espaços públicos da cidade e das contradições existentes entre espaço e usuário. Como estudo de caso foram analisadas as possibilidades e limitações envolvidas na atuação do coletivo urbano *Ocupe e Abrace* que atua na Praça da Nascente no bairro da Vila Pompeia, na cidade de São Paulo.

Palavras-chave: espaço público; apropriação; coletivos urbanos; Ocupe e Abrace.

INNOVATIVE, INSURGENTS, DEMOCRATIC URBAN PRACTICES

ABSTRACT

This article aims to discuss the participatory process of urban community groups in reshaping the public spaces in the city of São Paulo. The urban community groups and their actions are investigated in the context of the city's public spaces, which allow for a deeper analysis of the contradictions between urban space and citizen. The possibilities and limitations involved in the work of the urban community group named "Ocupe e Abrace" was selected as a study case. The collective is engaged in the improvement of the "Praça da Nascente" - Nascente Square – in the neighborhood of Vila Pompeia in the city of São Paulo.

Key-words: public spaces; appropriation; urban community groups; Ocupe e Abrace.

1. CIDADE DE SÃO PAULO X ESPAÇO PÚBLICO

Muitos são os exemplos de espaços públicos na cidade de São Paulo que possuem em seus nomes os termos praças, parques, largos porém não atendem à finalidade de lazer e de convívio para as pessoas. Algumas vezes são resquícios do desenho do sistema viário, outras, espaços perdidos entre os grandes edifícios da cidade que, frequentemente abandonados e deteriorados, servem apenas como espaços de passagem e perdem o potencial que um espaço livre possui em uma grande metrópole como São Paulo. Esquecidos entre os arranha-céus, esses espaços com potencialidade de troca, interação, diversidade e convívio acabam se desvalorizando.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Palco da vida cotidiana da sociedade, o espaço urbano apresenta relações sócio-espaciais conflitantes que resultam na destruição da urbanidade representada pela vida pública. Sem levar em conta a complexidade urbana, administradores públicos, arquitetos, urbanistas e promotores de venda, criam uma cidade voltada para consumidores que buscam o “espaço ideal”, onde se prioriza o veículo em detrimento dos pedestres e condomínios fechados ao invés de espaços públicos. Esse padrão de pensar a cidade gera um processo desigual de urbanização que resulta na transformação da concepção do espaço e que leva à segregação. Se faz necessário resgatar a essência e função primordial do espaço público como espaço de troca e como cenário da diversidade e da democracia. Para isso, é necessário valorizar os espaços públicos adequando-os às necessidades dos usuários através da participação ativa das comunidades para que esses espaços se tornem, de fato, favoráveis à felicidade (LEFEBVRE, 2010).

A cidade de São Paulo sofre com a imposição de um urbanismo pautado no capital, na qual shoppings centers, condomínios fechados e empreendimentos imobiliários de luxo prevalecem sobre os espaços público e de caráter coletivo. As políticas públicas, muitas vezes influenciadas pelo mercado imobiliário, concentram seus investimentos em áreas onde predominam os interesses de apenas um setor privilegiado da sociedade e afasta os recursos da manutenção dos espaços públicos, gerando uma cidade caracterizada por contradições urbanas. Dessa forma, a noção de espaço público vem se perdendo.

A cidade, elemento central de estruturação da sociedade contemporânea, é uma obra dos cidadãos que têm o direito ao trabalho, à instrução, à educação, à saúde, à habitação, aos lazeres, à vida (LEFEBVRE, 2010). É também a expressão máxima da construção social do espaço e centro das possibilidades de transformação social. Ela deve ser pensada como uma totalidade coletivamente produzida para que possa ser coletivamente apropriada e democraticamente administrada por aqueles que a reproduzem (HARVEY, 1980). A busca por uma cidade mais justa está pautada na luta pelo direito à cidade, pelo direito de participar ativamente das discussões sobre o destino da cidade e das relações sociais que nela ocorre (HARVEY, 2014).

A partir do conceito do direito à cidade e em resposta às contradições presentes nela, novos agentes sociais surgem em São Paulo. Os chamados coletivos urbanos vêm para questionar as condições em que se encontram os espaços públicos através de manifestações e apropriações de caráter artístico, político e urbanístico em sentido amplo. Todos se unem em torno do mesmo ideal de gerar discussão sobre a prática de construir a cidade através de apropriações e ações imprevisíveis. Chamam a atenção dos cidadãos e atraem olhares aos espaços públicos ociosos,





esquecidos pelo poder público e pela sociedade, para ressaltar o ideal de lazer, cultura e convivência em meio ao ambiente urbano. As intervenções urbanas propostas pelos coletivos trazem para a discussão o conceito de cidade para as pessoas e ampliam as possibilidades das práticas participativas estarem presentes no desenvolvimento dos espaços públicos, fortalecendo a gestão democrática na configuração dos mesmos.

2. ESPAÇO PÚBLICO X COLETIVOS URBANOS

Os coletivos urbanos se manifestam nas cidades brasileiras de diferentes formas. Suas proposições no ambiente urbano podem ser identificadas pelos nomes de urbanismo de guerrilha, urbanismo tático, urbanismo insurgente, urbanismo pop-up, urbanismo “faça você mesmo” (do it yourself – DIY – urbanism). Possuem uma variedade de metodologias mas compartilham a mesma orientação em direção ao engajamento de comunidades na mudança dos usos dos espaços público em comum através do fortalecimento dos valores civis e empoderamento da comunidade para remediar os déficits que existem no processo democrático.

Na cidade de São Paulo, os coletivos se manifestam por meio de ocupação de caráter urbanístico, artísticos, ambiental... Para exemplificar algumas das ações temos o coletivo *A Batata Precisa de Você* que em 2014 passou a ocupar o espaço do Largo da Batata¹ todas as sextas-feiras e promover atividades de forma colaborativa, aproximando a comunidade ao Largo e dando possibilidades de novos usos e apropriações, proporcionando uma nova dinâmica de uso do espaço. Seguindo outra proposta de apropriação, o coletivo *Curativos Urbanos*, criado em 2012, passou a distribuir grandes curativos coloridos pelas ruas e calçadas de São Paulo como uma forma de chamar a atenção para sua má conservação. O coletivo tem como objetivo provocar tanto os cidadãos que são responsáveis pela conservação e manutenção da calçada em frente ao seu imóvel quanto o poder público que tem o dever de fiscalizar o estado de conservação das mesmas. Na Figura 01 podemos ver um curativo na calçada do centro de São Paulo. Outro exemplo, o coletivo *Hortelões Urbanos*, criado em 2012, tem o objetivo de incentivar cidadãos e comunidades a interagir em torno

¹ O Largo da Batata, localizado na zona oeste de São Paulo, surgiu como entreposto comercial para a capital e cidades do interior. Na década de 1930, recebeu bondes elétricos que ligavam o bairro ao centro da cidade. Já nos anos 1990 se transformou em um terminal de ônibus a céu aberto que, com a grande movimentação de pedestres, passou a atrair o comércio irregular mal visto pela maioria da população e do poder público. Em 2002, a Prefeitura de São Paulo lançou um concurso de reconversão urbana para a região. Com o projeto escolhido, deram início às obras em 2007 e a concluíram em 2013 com a construção de uma praça seca, sem área de permanência e com arborização escassa que servia apenas como rota de passagem.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



do cultivo de plantas comestíveis em espaços públicos ociosos da cidade. Para isso, buscam e ocupam espaços com potencial para plantação e cultivam hortas comunitárias em meio ao ambiente urbano. Na figura 02, temos a horta comunitária plantada na Praça do Ciclista, na Av. Paulista.



Figura 01: Curativo na calçada do centro de São Paulo. Facebook Curativos Urbanos. 2014.



Figura 02: Horta comunitária plantada na Praça do Ciclista, na Av. Paulista. Portal Terra. 2012.

Nos últimos anos, em São Paulo, além da sociedade civil, a gestão pública também passou a abordar o processo participativo com mais frequência. O novo Plano Diretor Estratégico e os planos regionais da cidade, por exemplo, incluem essa prática e sinalizam possibilidades de interação com a produção do espaço urbano de maneira democrática.

A interação entre poder público e coletivos urbanos pode ser exemplificada pelos *parklets*². Esse novo conceito de ocupação das ruas se manifestou em São Paulo, em 2013, com a construção do primeiro *parklet* pelo Instituto Mobilidade Verde³. Nessa primeira experiência, o *parklet* foi construído de maneira temporária mas, com a aprovação da população, gerou o interesse do poder público em incentivar a iniciativa de maneira prolongada. Em 2014, o prefeito Fernando Haddad assinou um decreto regulamentando a criação de *parklets*, valorizando a iniciativa de humanizar e democratizar o uso da rua e desenvolver espaços de convivência que possam proporcionar aos

² Espaços temporários de permanência, convivência e lazer instalados sobre duas vagas de estacionamento nas ruas destinadas aos automóveis.

³ Coletivo sem fins lucrativos que trabalha com a mobilidade urbana e ocupação do solo como meio de desenvolvimento social. Através de atividades, ajudam a colocar as pessoas em contato com o meio ambiente urbano e comunidade com o objetivo de preencher lacunas sociais e geográficas.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



pedestres maior interação social. A instalação dos *parklets* pode ser de iniciativa da administração pública ou da sociedade civil, pessoa física ou jurídica. A aprovação dos locais que receberão os *parklets* é de responsabilidade da subprefeitura de cada região e os custos financeiros referentes à sua instalação, manutenção e remoção são de responsabilidade do mantenedor. Até fevereiro de 2016 a iniciativa privada implantou 55 *parklets* pela cidade, concentrados majoritariamente na região do centro expandido de São Paulo. Para democratizar o alcance da política pública para as regiões além do centro a prefeitura planejou implantar parklets municipais, de iniciativa pública, um em cada subprefeitura do município. O primeiro parklet municipal, em Perus (figura 03), já foi entregue.



Figura 03: Primeiro *parklet* municipal, em Perus. Prefeitura de São Paulo. 2016.

Outro exemplo dessa interação é o Edital Redes e Ruas lançado em agosto de 2014 pela Prefeitura de São Paulo, em parceria com as secretarias municipais de Cultura, Direitos Humanos e Cidadania e Serviços. O Edital selecionou 59 projetos a serem desenvolvidos na cidade de São Paulo e financiados pela prefeitura. Os projetos pretendem promover a inclusão, cidadania e cultura digital na cidade e potencializar transformações por meio da conexão entre o mundo digital, a ocupação de novos espaços e a ressignificação dos equipamentos públicos. Para isso, foram feitas parcerias com coletivos, organizações e movimentos culturais que buscam aprimorar sua atuação nas redes e nas ruas. Em maio de 2016 foi lançado a segunda edição do Edital Redes e Ruas que se encontra em fase de seleção de projetos.





O projeto Se Liga na Praça foi um dos selecionados na primeira edição do Edital Redes e Ruas para atuar na transformação de equipamentos públicos da cidade de São Paulo. Os coletivos *Acupuntura Urbana*⁴, *Atados*⁵ e *Movimento Boa Praça*⁶ se juntaram para promover a ressignificação de duas praças de São Paulo, uma na Água Branca e outra em Perus, com ações de mobilização comunitária e transformações urbanas. Após estudos junto à comunidade para o levantamento dos desejos das pessoas e das potencialidades dos bairros, os coletivos, em parceria com os moradores, instituições, subprefeitura e movimentos culturais, artísticos e sociais da região, realizaram um mutirão onde todos os agentes participaram de maneira ativa na reconstrução da Praça Conde Francisco Matarazzo, Água Branca (figura 04) e da Praça do Samba, Perus (figura 05). Foram construídos novos mobiliários e equipamentos e realizadas intervenções artísticas que resgataram a memória dos bairros e os sonhos da comunidade. Depois de todas as transformações, o objetivo dos coletivos é lidar com o desafio de manter o espaço ativo e conservado através da conscientização das comunidades.

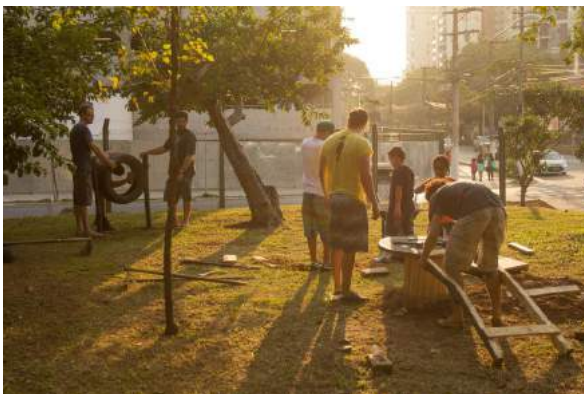


Figura 04: Atuação na Praça Conde Francisco Matarazzo, na Água Branca. Facebook Acupuntura Urbana. 2015.

Figura 05: Projeto finalizado na Praça do Samba, em Perus. Facebook Acupuntura Urbana. 2015.

⁴ Criado em 2011, o coletivo tem como objetivo transformar espaços públicos de forma ativa e participativa fortalecendo relações que estimulem o protagonismo da sociedade civil. Para a materialização dessas atividades, mobilizam pessoas e recursos de forma colaborativa e ativa.

⁵ O Atados é uma plataforma social que conecta pessoas e organizações a boas causas, com a finalidade de estimular a cultura do voluntariado no país.

⁶ Criado em 2008 é uma iniciativa de pessoas que querem viver em uma cidade mais humana com a intenção de mobilizar cidadãos, empresas, governos e instituições para ocupar e revitalizar os espaços públicos, em especial as praças da cidade, devolvendo a elas o seu propósito inicial: o de locais de convívio, lazer, debate e inclusão.



É através desse novo conceito de (re)ocupação e (re)produção do espaço público que os coletivos urbanos estão incentivando e fortalecendo a participação da sociedade na discussão da cidade. Através do entusiasmo, inspiração e dedicação dos cidadãos, estão fazendo com que o espaço público se torne o protagonista da cidade contemporânea.

3. COLETIVO URBANO: *OCUPE E ABRACE*

A história do coletivo *Ocupe e Abrace* começa em 2013 quando a plataforma de colaboração Cidade Democrática⁷ lançou um concurso com o tema “A Pompeia que se quer”. Este concurso de ideias visava construir propostas coletivas com sonhos e necessidades da comunidade para o desenvolvimento de um plano de bairro para a Vila Pompeia, na zona oeste de São Paulo.

Para a realização do concurso foi realizada uma arrecadação de investimentos colaborativa por meio da plataforma de *crowdfunding* Catarse que atraiu a contribuição de 201 pessoas interessadas no projeto. A partir da arrecadação e da viabilidade do projeto, o concurso foi desenvolvido em três etapas. Na primeira etapa foi realizada a mobilização de lideranças, perfis públicos, representantes do poder público municipal (subprefeito da Lapa e vereadores), associações do bairro e comerciantes da região, além da mídia local para a divulgação da plataforma, do concurso e das oficinas que seriam realizadas. Na segunda etapa foram realizadas as oficinas para a identificação dos temas de interesse das pessoas mobilizadas. É nessa etapa também que se inicia a inclusão de propostas para o bairro na plataforma, mas apenas na terceira etapa que o canal é aberto para que todos os interessados pudessem inscrever suas ideias. Nessa fase também foram realizadas oficinas com os moradores, movimentos sociais e poder público para captar desejos em comum entre os participantes para serem inseridos na plataforma. A partir das ideias inscritas foi possível discutir e buscar a viabilidade dos projetos junto ao poder público. Houve um total de 117 propostas inseridas na plataforma e todas elas foram analisadas sob os critérios estabelecidos (quantidade de comentários, apoios e seguidores) e premiadas a partir de temáticas pré-definidas pelos patrocinadores e gestores da Cidade Democrática. Essas propostas foram materializadas em um Mapa dos Sonhos (figura 06) da Vila Pompeia (FEDERIZZI, 2015).

⁷ Criada pelo Instituto Seva, a iniciativa Cidade Democrática é uma plataforma de inovação aberta através da internet e tem como objetivo construir agendas públicas por meio de inteligência criativa e coletiva.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Figura 06: Mapa dos sonhos “A Pompeia que se quer”. Facebook A Pompeia que se quer. 2013.

Uma das propostas vencedoras do concurso “A Pompeia que se quer” foi sugerida por uma moradora do bairro que tinha a vontade de ter perto de sua casa uma praça para sua filha poder brincar. Ela propôs, então, a requalificação da Praça Homero Silva e acabou unindo a vizinhança em torno desse objetivo comum. Assim nasceu, em 2013, o coletivo *Ocupe e Abraçe* que juntou a comunidade para ocupar a praça e abraçar novas ideias com carinho e afetividade.

Localizada na zona oeste de São Paulo, entre as ruas Doutor Paulo Vieira e André Casado, em uma travessa da Avenida Pompeia (figura 07), a Praça Homero Silva é o maior espaço público verde do bairro da Vila Pompeia com 12.000 m² de área. Até o ano de 2013, a praça não tinha manutenção da prefeitura; se encontrava com o mato alto, com falta de equipamentos públicos, de sinalização e sem acessos apropriados, necessários devido à sua topografia em quatro níveis diferentes. Além disso, por estar sobre uma lençol freático, a praça apresentava regiões de charcos e locais insalubres. Abandonada pelo poder público, esse espaço não despertava o interesse da sociedade civil que o via como local de medo, violência e perigo dentro do bairro. Acreditando nas potencialidades ocultas



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



que a Praça Homero Silva oferecia, o coletivo se juntou para discutir as possibilidades de intervenções que a transformariam no local de lazer e convívio que reivindicavam.



Figura 07: Mapa de localização. Google Earth adaptado pela autora. 2016

Para simbolizar a nova fase que a praça estava entrando, o coletivo optou por renomeá-la como Praça da Nascente, já que possui diversas nascentes do riacho Água Preta. A questão das águas (figura 08) se tornou ponto de partida para reconectar as pessoas à natureza e assim trazer vida à praça através da ocupação do espaço pelas pessoas.



Figura 08: Rio da Praça da Nascente. Acervo pessoal da autora. 2016

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



De início, objetivando melhorias estruturais, foram realizados mutirões para pintura dos muros, brinquedos, escadarias, colocação de equipamentos como lixeiras e bancos. Para as melhorias ambientais foram realizadas mutirões de recuperação das nascentes, desenvolvimentos de lagos, plantação de hortas comunitárias, plantas e flores. Além dos mutirões, ainda em 2013, organizaram também o primeiro Festival da Praça da Nascente, um festival de música, arte e confraternização que tinha o intuito de atrair os moradores para uma atividade pacífica na praça e divulgar o trabalho que estavam desenvolvendo no local. Com o êxito do festival o coletivo se fortaleceu e passou a promover os festivais de forma sazonal, um a cada mudança de estação, chegando à sua oitava edições no mês de junho de 2016. A figura 09 mostra a quinta edição do festival que celebrou a chegada da primavera em novembro de 2014. Atualmente, as atividades de melhorias ambientais continuam em ação e todo o trabalho é desenvolvido pela sociedade civil, sem investimento público, através da mobilização dos moradores e de doações de comerciantes locais.



Figura 09: V Festival da Praça da Nascente. Facebook Festival Praça da Nascente. 2014

A atuação do coletivo resgatou a obrigação do poder público em gerir o espaço. A subprefeitura da Lapa passou a incluir a praça na rota mensal de limpeza e poda e autorizou as atividades de música e venda de alimentos que são realizadas nos festivais (FEDERIZZI, 2015). Essa comunicação entre o Coletivo e o poder público possibilitou, em 2015, a aprovação de um projeto de reforma promovido pela subprefeitura da Lapa que tinha como principal ação reconstruir o muro de



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



arrimo que apresentava risco de desabamento. Como sugestão de projeto o Coletivo apresentou o trabalho desenvolvido junto ao LabVerde (Laboratório de pesquisa em Sustentabilidade da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo) de melhorias estruturais para a Praça. O projeto porém não foi acatado por completo e a obra acabou se restringindo a troca de piso, melhoria na acessibilidade, instalação de equipamentos para crianças e idosos e a reforma do muro de arrimo que se transformou em uma arquibancada em blocos de concreto (figura 10). De acordo com a previsão da subprefeitura, a obra que começou em julho de 2015 deveria durar 150 dias. Teve, porém, um atraso significativo para ser concluída, sendo entregue no mês de junho de 2016, sem responder às expectativas dos moradores. A drenagem de água da chuva é uma das questões que não foi resolvida, mas que o Coletivo pretende “dar um jeito” com o tempo. Devido ao atraso na conclusão dos trabalhos, o Coletivo passou a cobrar um parecer da subprefeitura em relação aos prazos e também aos gastos da obra. Até o momento não encontraram esclarecimento sobre essas questões, mas continuam buscando respostas.



Figura 10: Obra em processo. Acervo pessoal da autora. 2016

Um grande desafio para o Coletivo é atrair mais pessoas interessadas em se engajar na proposição de ações efetivas para o espaço. Considerando que o distrito da Lapa possui mais de 300 mil habitantes, o número de pessoas envolvidas no coletivo ainda é pequeno. Nem todo cidadão entende que o trabalho do grupo é um processo colaborativo de zeladoria de um bem público para





usufruto de todos. Algumas pessoas enxergam a atuação do Coletivo como um encargo e transferem as obrigações da subprefeitura para o grupo que passou a receber reivindicações por mudanças e sugestões de ações a serem implementadas.

Além dos confrontos com o poder público e com a própria sociedade civil, o Coletivo ainda tem que lidar com a especulação imobiliária, o pior de seus adversários. Situado em uma região privilegiada de São Paulo, as ações de melhorias geradas no espaço acabaram por aguçar o interesse do mercado imobiliário que viu a praça como um artifício de marketing para futuros empreendimentos. Cercada por casinhas e sobrados, a praça agora corre o risco de se ver rodeada por grande edifícios residenciais que, com seus profundos subsolos de estacionamentos, poderão afetar o lençol freático e ameaçar as nascentes que foram resgatas na praça.

Apesar de todos esses desafios, o *Ocupe e Abrace* conta hoje com parcerias de outro coletivos que atuam em diferentes regiões da cidade como o *Rios e Ruas*⁸, *NascenteSP*⁹, *Hortelões Urbanos*, *Matos de Comer*¹⁰, *Movimento Boa Praça*, *Árvores Vivas*¹¹, *Cerrado Infinito*¹² entre outros. Mesmo atuando apenas em uma praça de um bairro específico de São Paulo, o coletivo tem atraído colaboradores de outras partes da cidade que vêm participar das atividades e tem incentivado iniciativas como essas em outras localidades, já que o trabalho demonstra que a força da vizinhança consegue gerar mudanças.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁸ A iniciativa visa promover e inspirar para que as pessoas descubram, vejam e queiram rios limpos e livres.

⁹ Nasce para potencializar e inspirar novas formas de honrar e revitalizar as águas de maneira sistêmica, cidadã e colaborativa e objetiva monitorar e divulgar informações sobre a qualidade e a possibilidade de uso das águas de nascentes urbanas selecionadas pela iniciativa, além de apoiar o protagonismo comunitário no cuidado e revitalização das águas e nascentes urbanas, por meio da ação local em mutirões colaborativos que unem potenciais e iniciativas de toda a cidade.

¹⁰ Grupo que discute a identificação, coleta, cultivo e consumo de Plantas Alimentícias Não-Convencionais.

¹¹ Instituto que promove ações e projetos que aproximam as pessoas da natureza por meio de arte e informação.

¹² Propõe atuar como um ponto de partida para atividades de desaceleração e descolonização da cidade, criando uma nova cultura do cerrado. Para isso definem territórios dentro do espaço público, para a reconstrução da paisagem ancestral ao urbanismo.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Nos últimos anos houve uma inversão na dinâmica de uso dos espaços públicos na cidade de São Paulo. Passou-se a se reivindicar espaços abertos, de lazer e convivência para a cidade, como parques e praças. Tal reivindicação se mostra muito relevante, ainda mais em uma cidade como a de São Paulo que, em várias instâncias, priorizou os espaços privados em detrimento aos espaços públicos.

Há na cidade uma quantidade significativa de espaços públicos com potencialidades ocultas pela falta de investimentos e abandono. A atuação dos coletivos urbanos busca potencializar esses espaços existentes e transformá-los em locais de lazer, cultura e convivência reivindicados pela população. Para que as apropriações possam aproximar os cidadãos à cidade em uma relação mais íntima e cordial e gerar noções de afeto e de cuidado com o espaço urbano, se faz necessário uma interpretação correta das reais demandas da sociedade. Através de ações de pertinência e relevância conceitual, a atuação dos coletivos urbanos vem para ajudar a revelar tais demandas.

O modo tradicional de desenvolvimento das cidades brasileiras, baseado em planos urbanísticos elaborados por estudiosos e representantes governamentais vem sendo questionados enquanto novas possibilidades de organização do espaço e da sociedade ganham importância na orientação dos estudos do planejamento urbano, político e social. A atuação dos coletivos se mostra como uma nova possibilidade de atuação da sociedade civil na proposição das cidades e está fazendo com que ações de ressignificação dos espaços públicos de maneira inovadora, insurgente, e democrática se multipliquem pelo país.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dissertações, Teses e Livros

ABRAHÃO, S. L. Espaço público do urbano ao político. 1 ed. São Paulo, Annablume; Fapesp, 2008.

HARVEY, D. A justiça social e a cidade. São Paulo, Hucitec, 1980

HARVEY, D. Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo, Martins Fontes, 2014.

FEDERIZZI, C. L. Design para inovação social: a cidade feita pelas pessoas. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2014.

FERREIRA, P. E. B. Apropriações do espaço urbano e as políticas de intervenção urbana e habitacional no centro de São Paulo. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



FRÚGOLI JR., H. São Paulo: espaços públicos e interação social. São Paulo, Marco Zero, 1995.

LEFEBVRE, H. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2010.

Site consultados

A BATATA PRECISA DE VOCÊ. Disponível em: <<http://largodabatata.com.br/a-batata-precisa-de-voce/>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

A BATATA PRECISA DE VOCÊ, Perfil do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/abatataprecisadevoce?fref=ts>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

ACUPUNTURA URBANA, Perfil do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/acupunturaurbana.au/?fref=ts>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

A POMPÉRIA QUE SE QUER, Perfil do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PompeiaQSQ/?fref=ts>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

CURATIVOS URBANOS, Perfil do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/curativosurbanos?fref=ts>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

EDITAL REDES E RUAS. Disponível em: <<https://redeserua.wordpress.com/>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

CONHEÇA OS HORTELOES URBANOS DA CIDADE DE SÃO PAULO. Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/brasil/conheca-os-horteloes-urbanos-da-cidade-de-sao-paulo,c04bf301e9fa5410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

EDITAL REDES E RUAS, Perfil do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/editalredeseruas/?fref=ts>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

INSTITUTO MOBILIDADE VERDE. Disponível em: <<https://institutomobilidadeverde.wordpress.com/>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

OCUPE E ABRACE. Disponível em: <<http://www.ocupееabrace.com.br/>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

PARKLETS, Redes de Espaços Públicos, Gestão Urbana SP. São Paulo. Disponível em: <<http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/parklets/>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

PARKLETS PÚBLICOS, Redes de Espaços Públicos, Gestão Urbana SP. São Paulo. Disponível em: <<http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/parklets-publicos/>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

PRAÇA DA NASCENTE, Perfil do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PracaDaNascente/?fref=ts>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

